



TERRORISMO EM MOSCOU

Ataque vira disputa entre Putin e Zelensky

Atentado que deixou mais de 130 mortos, nesta sexta-feira, na Rússia, foi reivindicado pelo Estado Islâmico, mas presidentes acusam um ao outro de possíveis responsabilidades

» PRISCILA CRISPI

A comunidade internacional condenou por unanimidade o ataque que deixou mais de 130 mortos na sexta-feira (22) em uma casa de show em um subúrbio de Moscou, reivindicado pelo grupo jihadista Estado Islâmico (EI). As mortes, porém, foram usadas como ativo político tanto por parte da Rússia como pela Ucrânia, em pronunciamentos durante todo o sábado.

Em discurso televisionado, o presidente Vladimir Putin afirmou que 11 pessoas foram presas, entre eles, os quatro supostos autores do ataque, que tentaram fugir para território ucraniano antes de serem presos, onde tinham contatos que os ajudariam a passar pelo controle da fronteira. O presidente prometeu que todos os responsáveis serão punidos e não mencionou a reivindicação do massacre por parte do EI.

Mais tarde, a televisão russa exibiu imagens de interrogatórios dos supostos terroristas. Três deles estavam com o rosto ensanguentado, sendo escutados por agentes armados. Um dos detidos estava

com a cabeça enfaixada e apresentava vestígios de sangue na orelha direita. Durante os interrogatórios, dois suspeitos admitiram culpa e um deles afirmou ter agido por dinheiro. De acordo com a mídia russa e o deputado Alexander Jinstein, alguns dos suspeitos são originários do Tadjiquistão, ex-república soviética na fronteira com o Afeganistão, com presença do grupo EI.

Volodymyr Zelensky, por sua vez, disse que "O que aconteceu ontem (sexta) em Moscou é óbvio: Putin e os demais bastardos tentam jogar nos outros a culpa" pelo atentado.

Os serviços de inteligência militar ucranianos afirmaram que "o ataque terrorista em Moscou é uma provocação planejada e deliberada dos serviços especiais russos, ordenada por Putin com o objetivo de justificar bombardeios ainda mais poderosos contra a Ucrânia e uma mobilização total na Rússia".

O ataque à sala de concertos Crocus City Hall é o mais sangrento na Rússia em duas décadas e o mais mortal realizado na Europa pelo grupo EI, que reiterou a autoria dos ataques ontem.



Mulher chora em memorial que começa a se formar em frente ao Crocus City Hall, local do atentado

"O ataque foi realizado por quatro combatentes do EI, armados com metralhadoras, uma pistola, facas e bombas incendiárias", afirmou a organização jihadista em uma das suas contas no Telegram, acrescentando que o ataque se enquadra no contexto da guerra contra "os países que combatem o Islã".

A Rússia combate o grupo terrorista na Síria e também no Cáucaso russo desde o final da década

de 2010, mas o EI nunca assumiu a responsabilidade por um ataque de tal magnitude antes.

A polícia e as forças especiais russas permaneceram posicionadas, ontem, em frente ao complexo incendiado, onde centenas de equipes de resgate recolhiam os escombros em busca de mais vítimas, enquanto pessoas acendiam velas e deixavam flores em homenagem aos mortos na tragédia. Desde a manhã, longas filas

de espera se formaram em frente a centros de doação de sangue em Moscou. Cartazes que dizem "Estamos de luto 22/03/2024" foram espalhados pela cidade.

Inimigo comum

Oponentes declarados da Rússia em sua empreitada contra o país vizinho, líderes dos Estados Unidos, União Europeia e Otan comentaram a tragédia. A Casa Bran-

ca afirmou, ontem, que o grupo Estado Islâmico (EI) é "um inimigo terrorista comum", ao lamentar o atentado. "Os Estados Unidos condenam energicamente o ataque terrorista hediondo em Moscou", declarou a secretária de imprensa da Casa Branca, Karine Jean-Pierre, ressaltando que "o EI é um inimigo terrorista comum, que deve ser derrotado em todas as partes".

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, também repudiou "energicamente o ataque terrorista" e o chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell, criticou "um ataque atroz" contra "pessoas indefesas". A Otan "condenou inequivocamente os ataques contra os participantes em um show em Moscou" e indicou que "nada pode justificar crimes tão hediondos".

A Síria, aliada de Moscou, considerou que o atentado está "diretamente relacionado às derrotas cruéis e dolorosas do neonazismo e seus seguidores após a operação militar especial no Donbass", referindo-se à anexação russa dessa região da Ucrânia.

O ministro das Relações Exteriores do Irã, Hosein Amir-Abdollahian, enfatizou que "uma luta conjunta e eficaz contra o terrorismo requer uma ação séria e não discriminatória da comunidade internacional".

O atentado uniu, até mesmo, Israel e Palestina em solidariedade. Netanyahu e o presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, expressaram seu repúdio ao terrorismo.

CESSAR-FOGO

Palestina em crise terá que esperar

Após vetos impostos por Rússia e China, nesta sexta-feira, à proposta americana de cessar-fogo em Gaza, uma resolução para o conflito por parte do Conselho de Segurança das Nações Unidas foi, mais uma vez, adiada. Uma nova reunião da cúpula, em Nova York, estava marcada para acontecer ontem, mas foi adiada e deve ser retomada apenas na manhã de segunda-feira, em sessão de emergência, para debater um projeto que tanto Rússia como China indicaram apoio.

A proposta, dessa vez, parte de

sete dos dez membros não permanentes do Conselho, o chamado E-10, — Argélia, Guiana, Malta, Moçambique, Serra Leoa, Eslovênia e Suíça — e pede um cessar-fogo durante o mês sagrado do Islã, o Ramadã, que começou em 10 de março e termina em 9 de abril.

O breve texto determina que o cessar-fogo humanitário imediato para o Ramadã leve "a um cessar-fogo permanente e sustentável". Exige também "a libertação imediata e incondicional de todos os reféns" e sublinha a necessidade

urgente de proteger os civis e de distribuir ajuda humanitária em toda a Faixa de Gaza.

A resolução proposta pelos EUA para acabar com a guerra em Gaza foi vetada, segundo as delegações chinesas e russas, por ser ambígua, sem atribuição à responsabilidade das autoridades israelenses em áreas-chave da Palestina.

Durante a cúpula, porém, todos os embaixadores apoiaram uma ação rápida para levar alimentos e ajuda vital em grande escala para Gaza, após um relatório da ONU,

divulgado na última semana, levantar alarmes sobre a fome na região, enquanto Israel continua a bloquear e retardar o transporte de remessas para o enclave sitiado. Alguns membros do Conselho apelaram também à criação de dois Estados para a solução do conflito em curso.

Essa foi a primeira vez, desde o início da guerra, que Washington acenou uma mudança de posição em relação a seu apoio a Netanyahu. Os EUA haviam vetado, anteriormente, outras propostas de



Após veto a texto americano, Rússia e China costumam novo acordo

mediação do conflito, inclusive, por parte do Brasil. O Conselho de Segurança já adotou duas resoluções

sobre o agravamento da situação humanitária em Gaza, mas nenhuma apelou a um cessar-fogo. (PC)

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

A FORNALHA ARDENTE DO VIETNÃ

O Vietnã é um dos países com mais longa história de resistência e superação frente a potências dispostas a sufocá-lo. É uma nação sofrida e ainda pobre, mas com facetas de grande adaptação à competitividade global de ponta. Atualmente, após superar vários obstáculos, é uma pequena potência emergente de quase 100 milhões de habitantes. Cada vez mais altamente integrado às cadeias globais de valor, o país não para de crescer economicamente, seguindo, a sua maneira, os passos trilhados pela China de combinação entre levar a sério o funcionamento do mundo capitalista sem abandonar o controle político socialista das diretrizes de governo. Enriquece-se muito e muito rápido, mas

tudo é organizado para fazer sentido para a população e para a preservação do controle do Estado.

Na quarta-feira passada, o Vietnã chamou a atenção do mundo por conta da renúncia de seu presidente, Vo Van Thuong. É a segunda vez em pouco tempo que um político ocupando o cargo de presidente é forçado a abdicar. Ainda no ano passado, o então presidente Nguyen Xuan Phuc também resignou por questões similares às de Vo Van Thuong. A acusação pública, como é de praxe em qualquer lugar do mundo, é a de corrupção.

Aliás, o Vietnã vive há alguns anos sob a égide de um grande programa anticorrupção. Uma faceta que também pegou empres-

tado da China contemporânea. Tanto na China quanto no Vietnã, o sistema dominante usa a corrupção como tema de luta política para produzir circulação de poder. As correntes operações anticorrupção são braços da briga fratricida intrapartidária nesses dois países de partido único.

Usar a denúncia de obtenção de vantagem indevida por quem ocupa uma posição de autoridade e influência tem grande impacto na opinião pública de qualquer país.

Corruptos à parte, seja em democracias eleitorais, seja em autocracias de partido único, uma das formas mais eficientes de se livrar de oponentes indesejados é a de imputar acusações de corrupção sobre desafetos. Na China, acusar e reabilitar dirigentes é uma forma que o Partido Comunista Chinês (PCC) usa para fazer a carruagem das dinastias partidárias se fortalecerem e se enfraquecerem de tempos em tempos.

No sistema vietnamita, a presidência do país é apenas a quarta posição de maior poder político. Quem manda mesmo é o secretário-geral do Partido Comunista, posto há mais de uma década ocupado por Nguyen Phu Trong, que também acumula as outras duas principais posições de poder no país. O problema é que Trong encontra-se em meio a grande pressão para sinalizar quem será seu sucessor, após tantos anos de comando. O presidente que acaba de renunciar, Vo Van Thuong, era cotado como um dos mais possíveis substitutos de Trong. Agora que Thuong caiu em desgraça, muitas organizações com negócios e interesses no Vietnã se sentem em uma situação de incerteza. O que será que se passa no Partido Comunista?

A verdade é que o Vietnã se modernizou enormemente nos últimos anos. O país pegou um tanto da produção manufatureira que escorreu da China para sua perife-

ria à medida que o gigante asiático ficava caro. Junte-se a isso algumas decisões estratégicas do governo vietnamita de forjar parcerias bastante favoráveis com multinacionais ao mesmo passo em que desenvolve marcas próprias, muitas vezes de alta tecnologia, como é o caso do setor de veículos elétricos com a Vinfast.

O país organizado em torno de suas duas grandes metrópoles — Hanoi ao norte e a Cidade de Ho Chi Minh, ao sul — deve passar incólume pela turbulência política recente. Com o PIB aumentando a uma taxa anual de 5%, o Vietnã segue na toada de grande crescimento regional na área do Leste Asiático e Pacífico.

Batizada de "Fornalha Ardente", forma espetacular de chamar a campanha anticorrupção, a elite do Partido Comunista vai ajustando os ponteiros de uma sucessão de lideranças que combina ambições de dirigentes com notável cresci-

mento econômico. Mantém a neutralidade entre China e EUA e tenta não assustar o investidor estrangeiro, peça fundamental do desenvolvimento econômico interno.

País de política externa pragmática e equilibrada, capaz de estabelecer parcerias estratégicas multilaterais sólidas, o Vietnã é um exemplo de recuperação. Grande produtor de café como o Brasil, nossa balança comercial é equilibrada. Mas, embora gigantes populacionais, é baixo o comércio entre os dois países. Os vietnamitas compram do Brasil soja, algodão e milho, e vendem para nós válvula, pneu, sapato e tilápia.

Estado de partido único, onde nenhuma oposição política é permitida, as relações exteriores abertas do Vietnã podem estar na origem das tensões internas entre dirigentes temerosos da influência internacional.

PAULO DELGADO, sociólogo